

## MERCADOS E PREÇOS

Café: Avolumaram-se, em outubro, as exportações de café, tanto por Santos como pelos outros portos cafeeiros.

Nesse mês saíram por Santos 761.530 sacas, isto é, mais de 178 mil sacas do que em setembro; o Brasil exportou em outubro 1.765 sacas, a maior quantidade exportada num mês, no corrente ano. Como vemos, Santos, apesar das modificações introduzidas no Regulamento de Embarques, viu aumentado o seu movimento exportador.

O porto do Rio, exportou em outubro 615.614 sacas, ou seja, o maior volume até hoje saído por esse porto, num mês, sendo essa quantidade superior a prevista por nós, em comentário anterior (Bol. nº 7, pag. 19). Isso porque continua o porto do Rio a utilizar os saldos não exportados por Vitória; alias, não foi dada publicidade a qualquer modificação do Regulamento de Embarques, que viesse permitir transferências desta natureza.

Conforme se verifica no quadro I, o Rio vem se utilizando de parte da cota de Vitória, desde agosto, sendo que, com as exportações de outubro, completaram-se as cotas dos dois portos nos quatro primeiros meses da safra 1951/52.

QUADRO I  
EXPORTAÇÃO DE CAFÉ POR VITÓRIA E RIO  
Sacas de 60 quilos

SAFRA	RIO	VITÓRIA	TOTAL	TOTAL ACUMULADO	Cota conjugada das duas partes
51/52					
Julho	218.061	53.145	334.206	334.206	495.000
Agosto	409.982	77.304	487.286	821.492	990.000
Setembro	530.590	71.030	601.620	1.423.112	1.485.000
Outubro	625.614	53.709	609.323	2.092.435	2.080.000

Em outra secção deste Boletim, foi acentuada a importância do sistema de cota e a necessidade de sua integral exa

cuçac.

Não se registraram alterações sensíveis nos preços de café, em Santos. A média mensal do tipo 4 mole, no disponível, foi de Cr.\$ 195,10 por 10 quilos, enquanto que no mês anterior havia sido de Cr.\$ 195,37. Esse mesmo tipo, entre o principio e o fim do mês, sofreu uma baixa de 1 cruzeiro por 10 quilos. No mercado de entregas diretas houve quedas mais acentuadas, sendo de Cr.\$ 1,50, Cr.\$ 2,00, Cr.\$ 3,50, Cr.\$ 2,50 e Cr.\$ 1,50 respectivamente, para o mês presente, novembro/dezembro, janeiro/junho 1952, julho/dezembro 1952 e janeiro/junho 1953.

Os preços médios recebidos pelos lavradores continuaram firmes em outubro, apresentando pequenos aumentos em relação aos do mês anterior; os preços vigentes em outubro foram de Cr.\$ 307,30 por sacco de 40 Kg em coco e Cr.\$ 1.031,40 por sacco de 60 Kg beneficiado.

Algodão: As cotações de algodão na Bolsa de Mercadorias, que na primeira quinzena de outubro mantiveram-se estáveis, apresentaram a seguir, sucessivas altas. Assim, o tipo 5, no disponível, esteve cotado a Cr.\$ 306,00 por arroba, no dia 1<sup>a</sup>; passou a Cr.\$ 369,00 no dia 31, acusando portanto uma alta de 63 cruzeiros. No termo, ocorreram oscilações semelhantes, havendo altas que variaram de 56 a 65 cruzeiros.

Essa alta explica-se, em parte, pelas notícias da escassez do algodão produzido no nordeste brasileiro. Mas, de outro lado, é preciso não esquecer que existe uma pressão altista muitíssimo forte no mercado, conforme é do conhecimento geral. De modo que se torna difícil dizer se há fundamentos econômicos para a atual posição de preços elevados, isto é, se se encontra apoio na relação da oferta e procura do produto.

Os dados estatísticos disponíveis, a não ser em São Paulo, são diferentes, tanto os que se referem à produção, como os remanescentes das safras anteriores. A imprensa tem noticiado as mais variadas estimativas para a produção do nordeste, chegando-se mesmo a calcular toda a produção dessa região, em 50 mil toneladas de algodão em pluma. No entanto, os dados preliminares da 1<sup>a</sup> estimativa, feita pelo I.B.G.E., nos dá como 100.028 toneladas, a colheita, nesta safra dos

Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Confirmando a falta de informações seguras sobre a posição estatística do produto, no Brasil, vemos que os industriais solicitam a licença para importação de algodão de fibra longa, enquanto os círculos algodoeiros do Nordeste combatem a medida, afirmando que o suprimento é suficiente para atender as necessidades do mercado interno.

Quanto ao suprimento mundial do algodão, a situação apresenta-se ainda satisfatória, embora tenham ocorrido modificações em certas regiões produtoras. A safra americana, que inicialmente era calculada em mais de 17 milhões de fardos, acha-se reduzida a 15.771.000 fardos; também esperam-se quebras na produção do Egito, Turquia, Síria e Índia.

Em vista dessas reduções, explica-se que a atual safra mundial atinja cerca de 34 milhões de fardos, sendo de 33 milhões, o consumo previsto. Se tal situação se confirmar, teremos o "carry over" mundial em 1º de Agosto de 1952, aumentado de 1 milhão de fardos em relação ao de um ano atrás, ou sejam de 12,8 milhões de fardos ( ver Bol. nº 5, pag. 12).

Como reflexo dessas quebras, o mercado americano regiu nestes primeiros dias de novembro, admitindo-se já, em certos círculos, que venha a ser atingido naquele mercado, o preço teto, que é de 46,06 cents por libra, ou sejam 282,58 cruzeiros por arroba.

As repercussões de tais modificações na situação do produto sobre o mercado de São Paulo são difíceis de serem medidas; em primeiro lugar, porque os preços de São Paulo estão em níveis bem mais elevados que os do algodão norte-americano. Assim, se em fins de outubro o ágio era de pouco mais de 50 cruzeiros por arroba em pluma, agora, em meados de novembro, já atinge mais de 100 cruzeiros. E, em segundo lugar, porque, a vista de tal diferença de preços e das dificuldades de dólares, a possibilidade da exportação de nossos produtos depende da política algodoeira americana, que determina a quantidade exportável e a forma de pagamento dos produtos.

Segundo notícias recentes, círculos oficiais de Washington consideram improvável o estabelecimento de controle de exportação, mesmo depois da anunciada diminuição na produção. De outro lado, esses mesmos círculos calculam que, os

países importadores disporão de cerca de 14% mais de dólares que no ano anterior; tais fundos ainda serão reforçados por créditos concedidos pelo Banco de Exportação e Importação, para a compra de algodão americano.

Banana: Diminuíram, em outubro, as exportações de banana por Santos. Nesse mês foram embarcados pelo porto paulista 667.927 cachos, sendo que 636.007 para a Argentina e 31.920 para o Uruguai. Conforme era esperado, aumentaram as saídas para a Argentina.

A paralização dos embarques para a Inglaterra foi de vida, principalmente, ao congestionamento do porto de Santos, que atrazou a remessa das últimas partidas que deverão ser enviadas para esse país, dentro do acordo comercial existente.

É de grande importância para a economia dos nossos fruticultores, que na elaboração do novo acordo comercial com a Inglaterra, seja novamente incluído esse produto.

#### A ARGENTINA EXPORTARÁ TRIGO EM 1953?

Segundo notícias recém colhidas em Buenos Aires, por um dos técnicos desta Subdivisão, o fracasso da próxima safra de trigo, cuja colheita deverá ser iniciada agora em novembro, está preocupando seriamente os

Safras começando em dezembro;	Suprimento "Carry over" inicial	(1.000 ton.)		Consumo (1000 t)	Disponível Exportação e "carry over" (1000 t)
		Produção	Total		
1935/39	1.361	6.042	7.403	2.803	4.599
1943/43	4.572	6.396	10.968	3.293	7.675
1948/49	1.769	5.198	6.967	4.191	2.776
1949/50	1.361	5.171	6.532	3.510	3.021
1950/51	408	6.046	6.454	3.538	2.916

FONTE: B.A.E. (USDA) e Dirección Nacional de Granos y Elevadores (R.A.)

interessados da Argentina. Já se fala mesmo na obrigatoriedade do consumo de pão de farinha mista. Aliás, dados já publicados, confirmam a seriedade da situação. Conforme o quadro acima, as disponibilidades para a exportação e "carry-over", para este ano, são de apenas 2.916.000 toneladas, e, segundo a publicação americana "Foreign Crops and Markets" de 20 de Agosto último, a Argentina já teria negociado para exportar este ano um montante de mais de três milhões de toneladas.

De modo que, não será possível saldar todos esses compromissos, e, de qualquer modo, chegaria ao fim deste ano, praticamente, sem estoques. Como o consumo interno é de 3.600.000 toneladas, chega-se, a conclusão que basta uma redução de 40% nas colheitas, agora em novembro, para que a Argentina fique sem trigo para exportar.

Urge, pois, que o Brasil procure, imediatamente, outra fonte fornecedora, afim de que possa garantir o nosso suprimento de trigo para 1952.